



## **AS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

**José Vitor Rossi Souza**  
jrossisouza@gmail.com<sup>1</sup>

### **Resumo**

*Discutindo os meios que subsidiam a prática docente, é possível observar o papel de destaque que ocupam os livros didáticos no cotidiano escolar e, ao analisá-los, verifica-se uma grande quantidade de imagens, a começar pela capa, presentes em suas diversas páginas, abordando diferentes temas. No caso da Geografia, os conteúdos estão dispostos em uma relação entre textos, mapas e imagens, com a preponderância das últimas na constituição geral do livro. As imagens são representadas por fotos, desenhos, esquemas explicativos, gravuras, pinturas, sendo que a maioria delas são acompanhadas por uma legenda, reforçando a articulação entre múltiplas linguagens na constituição do corpo do material didático. Devido ao grande número de imagens presentes nesse meio de ensino e considerando o poder de difusão de significados através do conjunto de seus significantes, ambos compondo signos, é fundamental que elas sejam analisadas no conjunto dos livros, que são importantes objetos de estudo das pesquisas em educação, com o intuito de desvendar as intenções/sentidos que elas veiculam, independente da linguagem verbal utilizada em paralelo ou associada a elas. Para isso foram escolhidos, aleatoriamente, dois livros didáticos, de diferentes editoras, pertencentes ao Ensino Fundamental II (7º e 9º ano), e selecionados pela avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o triênio 2017-2019 e a partir deles analisados conteúdos referentes às temáticas das Regiões Brasileiras e dos continentes da Terra, entre os quais é possível estabelecer comparações nas abordagens realizadas pelos livros através das imagens que veiculam. Tal análise pretendeu quantificar o número de imagens presentes em cada uma das categorias selecionadas, tais como população, eventos históricos, paisagens naturais e economia, sendo essa dividida de acordo com os três setores que a compõe (primário, secundário e terciário). Nessa categorização dos assuntos representados, enquadram-se as divisões em uma concepção de Geografia baseada no tripé Natureza, População e Economia. Por último, com base nos resultados da investigação, os quais apontaram diferenças na representação de diferentes localidades, as quais colaboram para reforçar estereótipos e preconceitos, reitera-se a importância de analisar os materiais didáticos e os sentidos que são construídos e idealizados por eles. Isso deve ser considerado para que possa haver uma prática pedagógica consciente em relação aos seus objetivos e conhecedora dos meios de ensino que utiliza e também que esses livros possam ser reformulados a fim de melhorá-los com base nas críticas propostas por esse trabalho.*

**Palavras-chave:** Livros didáticos, Imagens, Tabelas avaliativas.

---

<sup>1</sup> Graduando em Geografia pela Unesp/Rio Claro e membro do Núcleo de Ensino de Geografia e Didática (NEGED). O presente trabalho é derivado de uma pesquisa de Iniciação Científica, ligada ao PIBIC/CNPq.



## **Introdução**

Ao refletir sobre a educação e a prática docente, é preciso eleger alguns aspectos para discutir, entre eles destacamos os meios de ensino. Esses são de grande importância na sistematização dos conteúdos das diferentes disciplinas e subsidiam o processo de ensino-aprendizagem. Entre os principais meios está o livro didático, o qual é marcado pelo seu papel de destaque no cenário da educação brasileira e/ou pelo uso irrestrito na maioria das escolas, principalmente através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que tem como objetivo avaliar e distribuir materiais para as escolas do país.

Nesse caso, esses dispositivos apresentam uma estrutura geral relacionada a alguns elementos como textos, exercícios, gráficos, mapas, tabelas e imagens. Sobre as últimas, destaca-se que “o livro didático é saturado de imagens que muitas vezes ocupam espaço maior do que o texto, o que de fato, torna-se uma linguagem sedutora e poderosa para veicular significados” (MORAIS; TONINI, 2016, p.37). Para além do conteúdo apresentado em cada uma das imagens, é preciso compreendê-las como um recurso potencializador na expressão de ideologias, discursos e significados. Esse poder é ressaltado ainda mais quando se observa a grande quantidade de figuras e o espaço que ocupam das páginas dos manuais.

Como comenta Tonini (2013, p.179), “as imagens são veículos dos significados e das mensagens simbólicas produzidas discursivamente”. Essa função pode ser verificada ao analisarmos o livro didático, já que é possível constituir impressões preliminares sobre os conteúdos, no caso da Geografia, apenas folheando o material, sem necessariamente realizar a leitura do texto escrito. A presença de imagens, portanto, permite ao leitor uma compreensão mais dinâmica dos temas, em diferentes itinerários e sequências, o que não é sinônimo de um entendimento mais claro e aprofundado dos conteúdos escolares.

Devido a essa configuração entre textos de diferentes modalidades, ligados à linguagem verbal ou não-verbal, podemos considerar o livro didático como hipertexto. Essas novas características dos materiais foram discutidas por Azambuja (2014) ao discorrer sobre a trajetória do livro didático no ensino de Geografia, através de suas mudanças e permanências. Entre as mudanças está a inserção de diferentes linguagens nesses dispositivos, como figuras, mapas e gráficos, em substituição a uma formatação exclusivamente constituída por palavras, como era no início da produção de livros voltados para a disciplina de Geografia na escola.



Além disso, essa nova configuração dos livros deve ser discutida e pesquisada à luz de parâmetros que auxiliem o entendimento se esse novo formato é efetivo e melhora qualitativamente o processo de ensino-aprendizagem. Conhecer os meios de ensino escolares em suas múltiplas dimensões (forma e conteúdo), além de saber utilizá-los, é fundamental para que a prática docente seja mais consciente e efetiva em seus propósitos. Em relação às pesquisas sobre esse assunto, os autores se divergem no que consiste a inserção das imagens nos livros didáticos e seus resultados para o aprendizado dos conteúdos.

De acordo com Coscarelli (2009, p. 550), “a imagem que ilustra e complementa o texto verbal contribui positivamente para a compreensão deste, uma vez que leva o leitor a gerar mais inferências conectivas, que são imprescindíveis à compreensão”. Assim, não basta que as imagens estejam inseridas nos materiais, já que elas precisam estar articuladas com o texto escrito. Ademais, ambos os recursos não devem se sobrepor e sim complementar-se. Como exemplo disso, podemos citar alguns casos nos livros de Geografia em que há um mapa e um texto articulados para explicar o que está sendo representado. Tal abordagem se constitui como sobreposição, ao utilizar duas linguagens diferentes com o mesmo propósito.

Além disso, é preciso considerar que o uso excessivo de imagens nos livros pode estar relacionado com uma desvalorização do texto escrito, o que não significa que elas não devem estar presentes nos livros, já que “as representações gráficas e cartográficas são extremamente importantes na ampliação de conhecimentos espaciais, tanto no cotidiano dos estudantes como de lugares distantes, sobretudo na atualidade, com o processo de globalização em curso” (PONTUSCHKA et al, 2007, p.340). Mas os conteúdos de Geografia não podem ficar restritos a uma grande quantidade de imagens como forma motivacional e atrativa, em detrimento do pouco uso das palavras, as quais exigem outras habilidades na leitura e compreensão.

A partir desses apontamentos sobre as imagens nos livros didáticos e sua relação com a estrutura geral desses dispositivos, será apresentada a análise de alguns resultados empíricos de uma pesquisa finalizada de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), realizada no curso de Geografia da Unesp de Rio Claro, intitulada “Análise sobre as abordagens dos conteúdos nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II”. Entre os aspectos discutidos nesse trabalho está a análise do uso de imagens na abordagem do conteúdo de Geografia nos anos finais do



Ensino Fundamental II (7º, 8º e 9º ano) e suas consequências para a construção de sentidos, a qual independe, obrigatoriamente, da leitura do texto escrito.

### **A análise das imagens**

Tendo como ponto de partida os apontamentos feitos sobre a presença das imagens no nosso cotidiano e conseqüentemente no ensino através dos livros didáticos, estes serão analisados a fim de ressaltar como o uso imagético está relacionado com os discursos e a construção de sentidos da Geografia escolar. Para isso, foram escolhidas, aleatoriamente, duas coleções de manuais dos anos finais do Ensino Fundamental II, ambas aprovadas pela avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o triênio de 2017 a 2019.

O contato com as imagens inicia com a capa dos materiais, as quais se articulam, ou não, com o título das coleções. O procedimento de análise dessas capas segue o caminho de entender os discursos transmitidos por elas através da seleção de figuras que resumem os propósitos dos livros. Além disso, existe o critério estético das capas, que tem como objetivo a interpelação do leitor, mas não só possuem esse caráter, atingindo o nível da significação e das concepções de Geografia, como discutido por Timmers e Weppo (2017), em uma análise sobre capas de livros didáticos das coleções de Geografia de uma editora.

No conjunto de conteúdo dessas coleções, para além das imagens da capa, foram eleitas as seções que abordam assuntos relacionados com a caracterização dos diferentes continentes da Terra e das Macrorregiões brasileiras, as quais são discutidas mais adiante. Para que essa análise pudesse ser feita, foi desenvolvida uma abordagem metodológica que se baseia em classificar as imagens em algumas categorias, baseadas nos temas que elas retratam, como economia, eventos históricos e população. Após essa classificação, foi quantificado um número de imagens em cada uma das categorias, dispondo-se os resultados em tabelas, como mostra a Tabela 1, que permitiram uma comparação e análise qualitativa entre as abordagens, por meio das imagens, sobre diferentes continentes/regiões e seus respectivos aspectos retratados. É importante destacar que várias imagens apresentam mais de um tema, por isso foi escolhido aquele que foi ressaltado por meio da legenda que acompanhava a respectiva figura. No caso da elaboração das categorias, elas foram pensadas a fim de resumir algumas características e assuntos presentes, como mostra a Tabela 2.



**Tabela 1:** Assuntos representados nas imagens

<b>Assuntos representados nas imagens</b>	Europa	Ásia	Oriente Médio	África	Oceania	Regiões Polares
Economia	1	6	2	8	1	0
Aspectos naturais da paisagem e construções	11	16	4	8	15	12
Eventos históricos	2	9	13	3	0	1
População	4	3	1	5	2	0
Pobreza, fome, conflitos e desastres naturais	2	2	0	4	0	0

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018

**Tabela 2:** Assuntos representados por cada uma das categorias

<b>Economia</b>	Agricultura, pecuária, exportação de produtos, indústria, moedas, turismo e entretenimento.
<b>Aspectos naturais da paisagem e construções</b>	Fauna, flora, pontos turísticos das localidades, infraestrutura de transportes, moradias e hidrografia.
<b>Eventos históricos</b>	Guerras, plebiscitos, acordos internacionais e protestos.
<b>População</b>	Cotidiano, trabalho e hábitos culturais (religião, dança e vestimentas).
<b>Pobreza, fome, conflitos e desastres naturais</b>	Desnutrição, feridos, moradias precárias, terremotos, tsunamis, refugiados e moradores de rua.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018

No caso da tabela acima, estão representados os assuntos, apresentados através das imagens, presentes nas diferentes seções sobre os continentes terrestres. Como é possível observar na Tabela 1, o continente Americano não foi inserido no conteúdo do livro do 9º ano, já que na coleção analisada (ADAS; ADAS, 2015), esse conteúdo é abordado no 8º ano do Ensino Fundamental. No que se refere à categoria economia (Tabela 3), ela foi subdividida de acordo com os três setores que a compõem: primário, secundário e terciário. Essa divisão



evidencia o tratamento feito pelo livro a cada um deles nos respectivos continentes e macrorregiões, apresentado desse modo as atividades econômicas que são destacadas ou atenuadas nos materiais.

**Tabela 3:** Imagens representativas dos setores da economia

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018

<b>Imagens representando cada setor da economia</b>	Europa	Ásia	Oriente Médio	África	Oceania	Regiões Polares
Primário	0	3	1	5	1	0
Secundário	0	2	1	2	0	0
Terciário	1	1	0	1	0	0

Primeiramente, a análise das imagens não pretende uma investigação unitária de cada uma delas, a partir de um trabalho de semiótica. Trata-se de entendê-las num conjunto. A partir de uma categorização dos assuntos representados é verificável o enquadramento dos conteúdos em uma concepção de Geografia baseada no tripé Natureza, População e Economia (N-P-E). Essa separação se fundamenta na Geografia praticada durante a primeira metade do século XX, ancorada na neutralidade da ciência e na da descrição dos lugares, não dos fenômenos, para a compreensão do mundo (BRASIL, 2017, p.9).

Tal categorização é uma ferramenta importante para que o estudo das partes possa levar a uma leitura geral do objeto da exploração. Essa separação entre Natureza, População e Economia é um enfoque que a ciência geográfica possui, mas se enquadram em uma compreensão do mundo também verificada em outras ciências, áreas de estudo e escalas. Como discorre Geiger (2012, p.21), “todas as categorias expressam, e sempre expressaram ao longo da história, o resultado nas interações entre tecnologia, relações sociais e ambiente social”. Assim, essas classes apresentadas pelo autor são muito semelhantes àquelas que constituem o tripé da Geografia, verificado por meio dos livros no que consiste a divisão dos capítulos, os subtítulos introdutórios das seções e os assuntos das imagens.

A própria sequência de exposição do conteúdo encontrada nos livros didáticos corrobora para reforçar esse padrão. Na maioria deles, os capítulos estão divididos em inúmeros títulos, que anunciam um novo assunto no conjunto das temáticas relacionadas com o tripé N-P-E. Isso demonstra que os temas não precisam estar articulados entre si, obedecendo apenas a uma



estruturação geral que se baseia na seleção dos conteúdos e habilidades apresentadas pelos documentos oficiais, como a BNCC e os PCNs.

Penn (2012, p.322), em uma análise semiótica das imagens paradas, ressalta que “a imagem é sempre polissêmica e ambígua. É por isso que a maioria das imagens está acompanhada de algum tipo de texto”. Porém, a presença exclusiva de textos acompanhando as figuras, como é o caso das legendas observadas na análise dos livros, não ausenta os conteúdos imagéticos de produzirem determinados sentidos e abordagens sobre os assuntos apresentados nos manuais.

Além disso, a legenda que acompanha as figuras demonstra a intencionalidade de veiculação de cada uma das imagens, invocando o observador/leitor para destacar alguns dos elementos nelas presentes. Esse recorte do olhar, ou seja, a seleção de alguns aspectos em detrimento da totalidade, produz uma outra imagem, muitas vezes desvinculada de seu contexto histórico, social e político. Por esse motivo é tão importante a seleção das imagens que estarão presentes nos materiais didáticos, considerando os seus sentidos e sua articulação com a linguagem verbal (texto escrito). Já no que se refere aos números de imagens contidas em cada uma das categorias, para cada um dos continentes, é evidente a diferença entre eles. Isso se verifica, principalmente, quando se observa a categorização sobre os setores da economia, em que é praticamente ausente o setor secundário e o terciário em algumas localidades.

Agora questiona-se quais são as consequências para a construção de sentidos a partir da carência ou ausência de imagens representando diferentes aspectos dos continentes. De acordo com Souza (1998), em um trabalho que discute os implícitos, a polissemia e os silêncios, em uma análise do discurso não verbal, indica que o “silêncio significa, não fala” (p. 4). Como é possível observar por meio das tabelas, no que se refere às categorias destacadas, nem todos os continentes apresentam uma diversidade de imagens em cada uma delas. No caso das figuras representativas da economia, muitos setores não são contemplados em algumas áreas. É o caso da ausência do setor primário/secundário na Europa e do setor terciário na África e na Oceania. Com isso, ao não serem representadas essas atividades nos respectivos continentes, reforçam-se estereótipos sobre eles.

Desse modo, a Europa é concebida como o continente do desenvolvimento, das luzes, da erudição e do bucolismo, atributos reforçados pelas imagens. Em oposição a ela, à Oceania



e ao Oriente Médio são reiteradas outras características. Sobre a primeira são veiculadas impressões ligadas à fauna/flora exóticas e ao setor primário da economia, relacionado com a agricultura familiar. Já no caso do segundo, pouco é mostrado, através das imagens, seus aspectos populacionais e sua economia (sobretudo o setor terciário), reforçando a concepção de uma área onde predominam os conflitos sobre os outros aspectos.

Em paralelo a isso, os países da África são representados como o palco da pobreza, dos conflitos, do exótico, do selvagem e da exclusividade do setor primário na participação econômica. Esses preconceitos e estereótipos presentes em visões generalizantes sobre o continente ainda são verificados, sobretudo nos livros didáticos de Geografia e História. Apesar da implementação da lei 10.639/03, que coloca como obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, essas determinações são pouco efetivadas na prática docente no cotidiano escolar, como levantado por Oliveira (2011), e também nos meios de ensino.

Para além da pesquisa das imagens nos livros didáticos do 9º ano, nos conteúdos referentes aos continentes, também foi realizada a mesma investigação com livros do 7º ano, em que são apresentadas as temáticas ligadas às regiões brasileiras. Também se verifica uma diferença entre o número de imagens em cada uma das categorias e em cada uma das regiões. Algumas categorias foram alteradas, a fim de atender os objetivos específicos da análise, que no caso utilizou o livro de Boligian et al (2015). Abaixo, estão representados os dados coletados sobre os setores da economia (Tabela 4):

<b>Imagens representando cada setor da economia</b>	Região Nordeste	Região Sudeste	Região Sul	Região Norte	Região Centro-Oeste
Primário	7	2	4	12	7
Secundário	0	3	4	3	0
Terciário	1	2	0	0	0

**Tabela 4:** Setores da economia nas Regiões Brasileiras

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018

Dentre as representações por meio das imagens, é preciso destacar das Região Centro-oeste e Região Nordeste. Em ambas os setores secundário e terciário estão praticamente ausentes, reforçando uma concepção de que nessas áreas só são desenvolvidas atividades ligadas à agricultura, mineração e pecuária. É evidente que elas são de grande importância para



a economia dessas regiões, mas o livro didático deve apresentar outras características para além daquilo que é veiculado de modo generalizado sobre essas porções do território nacional.

Mais especificamente a respeito das imagens nos livros didáticos que retratam o Nordeste brasileiro, este foi considerado por Andrade (1973), como “uma das regiões geográficas mais discutidas e menos conhecidas do país”. A época que escreveu isso, o autor destacou as principais características da região, assim como o conceito de Nordeste. Porém, a multiplicidade de aspectos que representam essa região reflete uma abordagem excludente e estereotipada encontrada nos livros didáticos de Geografia, o que contribui para ser uma área pouco conhecida, reforçando a afirmação colocada.

Além disso, Oliveira (1977, p.35), ao discorrer também sobre o Nordeste, comenta que a descrição da região passou por mudanças a partir do século XIX: a caracterização da opulência nordestina devido à produção açucareira, relatada pela literatura de viajantes, deu lugar a descrição da região dos latifundiários do sertão, “imagem rústica, pobre, contrastando com as dos salões e saraus do Nordeste açucareiro”. Ao analisar os livros didáticos de Geografia, percebe-se uma abordagem da região baseada em uma caracterização da seca, da miséria e do atraso, em oposição “grandeza” e “riqueza” da região Centro-Sul do país.

Já no caso da Região Sudeste, ela é representada por paisagens urbanas, imagens de grandes indústrias, bancos, lojas. Porém a exposição sobre essa área não fica restrita aos setores secundário e terciário, podendo ser verificadas imagens ligadas ao setor primário. Desse modo há uma ponderação entre o número de imagens em cada uma das categorias, o que contribui para desmistificar o estereótipo de ser a região caracterizada exclusivamente pela indústria, destacando que também são desenvolvidas atividades ligadas à agricultura, comércio, pecuária, turismo, entre outras.

Por fim, tanto no caso dos continentes quanto no que se refere às regiões brasileiras, os trechos e as imagens que discutem a questão cultural em diferentes localidades do país e do mundo são tratadas de forma que a cultura é abordada como curiosidade, sem relação com a história das populações e com a ligação que estabeleceram com o espaço em que se instalaram. Isso significa que “o livro didático continua produzindo um saber que trata a cultura como acessório de cada grupo humano, deixando de mostrar como ocorre o processo que constituiu esses ‘materiais visíveis’” (TONINI, 2006, p.75). Portanto é imprescindível que os manuais



didáticos contemplem uma visão da diversidade, em seus múltiplos aspectos, como prevê uma perspectiva crítica de currículo (SILVA, 2011, p.102), abarcando a questão da diferença/diversidade como uma questão histórica e política.

### **Considerações Finais**

Em primeiro lugar é preciso destacar a fluidez da informação potencializada pelo uso imagético, ao permitir uma construção mais rápida de significados e sentidos sobre aquilo que se veicula, exigindo diferentes habilidades daquele que entra em contato com elas. Essa relação com as imagens, no contexto do cotidiano escolar, se verifica nos livros didáticos de Geografia.

Considerando os materiais didáticos como importante objeto de estudo para as pesquisas em educação, foi empreendida uma análise desses livros para relacionar o uso de imagens com a construção de sentidos geográficos. A partir da elaboração da tabela avaliativo-comparativa reiterou-se a hipótese de que esses dispositivos de ensino reforçam estereótipos, seja a respeito dos continentes da Terra, seja sobre Macrorregiões brasileiras. Nesse caso, as categorias em que as imagens foram enquadradas se relacionam com uma concepção de Geografia baseada no tripé Natureza, População e Economia (N-P-E).

Esse apontamento é bastante interessante pelo fato da descoberta, mas ao mesmo tempo preocupante pelo fato da centralidade do livro didático no contexto da educação brasileira e da sua ampla difusão de conteúdos e sentidos no processo de ensino-aprendizagem. Ressalta-se que esses livros, utilizados nas escolas públicas do país, passam por uma avaliação por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), mas a reavaliação, como foi realizada nessa pesquisa, deve ser constante, a fim de apontar problemas e soluções para esse instrumento que faz parte da cultura escolar.

Não está se advogando pelo fim da produção e utilização do livro didático, mas está se destacando a necessidade de melhorá-los à luz de parâmetros que contemplem uma Geografia da diversidade e que combata estereótipos e preconceitos em relação aos mais variados aspectos. As generalizações dos lugares e a parcialidade das abordagens devem ser corrigidas como forma de apresentar os múltiplos olhares que compõem, no caso dessa investigação, os continentes e as regiões, a fim de que essas áreas possam ser compreendidas como caracterizadas por diversos atributos de ordem física, social, cultural e histórica.



Além dessas alterações, é importante trabalhar exercícios/atividades, em sala de aula, que estimulem a leitura de imagens. Essa prática pode ser baseada, por exemplo, na nomeação que os alunos dariam para cada uma das figuras, de acordo com os sentidos que nela encontram e com os elementos componentes que mais lhe chamaram a atenção. Isso faz com que haja uma ressignificação das imagens para além dos critérios destacados pelo contexto das seções em que elas se inserem e das legendas que as acompanham. Por isso, esse exercício pode desvelar as impressões pessoais sobre as imagens, promovendo uma construção coletiva dos sentidos relacionados aos conteúdos da Geografia escolar.

Por fim, pressupondo que os alunos não conhecem presencialmente todas as localidades do Brasil e do mundo, muito das representações iniciais que construirão sobre esses espaços se relacionam com as imagens e descrições que tiverem contato, sejam elas em casa, nas mídias ou através da escola. Sobre essa última instância, o papel do professor e do livro didático são fundamentais para a formação de significados e imagens sobre os aspectos geográficos dos diferentes lugares do mundo, o que torna fundamental uma abordagem que considera a diversidade e que combate os estereótipos.

### Referências bibliográficas

ADAS, Melhem; ADAS, Sergio. **Expedições geográficas**. São Paulo: Moderna, v.4, 2015. 288 p.

ANDRADE, Manuel Correia. **A terra e o homem no Nordeste**. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1973, 251p.

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. O livro didático e o ensino de Geografia do Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 4, n. 8, p.11-33, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/18> >. Acesso em: 30 maio 2018.

BOLIGIAN, Levon et al. **Geografia: espaço e vivência 7º ano**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2015. 208 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: MEC, 2017, 466p.

COSCARELLI, Carla Viana. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v. 9, n. 3, p.549-564, set./dez. 2009. Disponível em: <

[www.scielo.br/pdf/ld/v9n3/06.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n3/06.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2018.

GEIGER, Pedro Pinchas. Geografia e o tripé da história. **Geosp: Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 31, p.17-24, 2012. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74249](http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74249)>. Acesso em: 07 maio 2018.

MORAIS, Clarissa Imlau de; TONINI, Ivaine Maria. Olhar entre as páginas: o consumismo nos livros didáticos de Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos [et al]. **Movimentos para ensinar Geografia: oscilações**. Porto Alegre: Letra 1, 2016. Cap. 15. p. 235-254.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977, 132p.

OLIVEIRA, Gabriela da Silva. O Ensino de África nas Aulas de Geografia e a implementação da Lei 10.639/03. **Revista Tamoios**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.90-100, 19 set. 2011. Disponível em: <<http://www.e->



publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/1704>. Acesso em: 24 abril 2018.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. Cap. 13. p. 319-342.

PONTUSCHKA, Nídia; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007, 383p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 156p.

SOUZA, Tânia C. Clemente de. Discurso e imagem: perspectivas de análise não verbal. **Ciberlegenda**, Revista Eletrônica do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação, Niterói, n. 1, 1998. Disponível em: <  
<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/240>>. Acesso em: 11 março 2018.

TIMMERS, Juliano da Costa Machado; WEPPPO, Branda Eloá. Construindo sentidos nas leituras de imagens: um estudo sobre os livros didáticos de Geografia. **Cerrados**, Montes Claros, v. 15, n. 1, p.114-129, jan./jun., 2017. Disponível em: <  
<http://www.periodicos.unimontes.br/cerrados/article/view/394>>. Acesso em: 02 junho 2018.

TONINI, Ivaine Maria. **Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006, 86p.

TONINI, Ivaine Maria. Notas sobre imagens para ensinar Geografia. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**, Campinas, v. 3, n. 6, p.177-191, jul./dez, 2013. Disponível em:  
<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/165>. Acesso em: 02 junho 2018.